

ARTE DE DESAMAR
DE OVIDIO
 O AUTOR DA ARTE DE AMAR.

—
 PARAFRASE LIRICA

POR

A. F. DE CASTILHO



CANTO I

(Continuado do n.º 11, pagina 102.)

O campo, as varias lidas da cultura,
 suave distracção de outros cuidados,
 de enfermos corações tambem são cura.

Ora mandas aos toiros subjugados
 ir-te abrindo em leirões a terra crua
 ao som de faceis cantos regalados;

Ora á planicie revolvida e nua
 vais entregando, e logo recobrando,
 os grãos, futura messe, e gloria tua.

Hoje vês o pomar com flores lindo;
 vêl-o amanhã sob o pendor profundo
 dos ricos frutos seus, vergando, e rindo.

Que dor! que brilho! e estrepito jocundo!
 é a rega. Ouves tremulos balidos?
 são as ovelhas em teu chão fecundo.

¿Trepadas vês por alcantis pendidos
 as cabrinhas que em tojo hão mesa lauta,
 d'onde trazem bom leite aos seus nascidos?

Dos rafeiros á indole precavida
 fia o zagal seu fato, e ali contente
 canta amores na relva ao som da frauta.

No soito de outra parte Echo gemente
 vai repetindo por seus antros cavos
 as saudades da vacca ao filho ausente.

Pois quando a fumarada aos auri-flavos
 inchames do vimineo lar sombrio
 desterra, e vais furtar-lhe os crespos favos!

Da-te frutas o outomno; o hiberno frio
 bom lume; a primavera amenas flores;
 gradas cearas o formoso estio.

Cantam-te no vinhal vindimadores;
 dansam-te no lagar, nadando em vinho,
 quaes Satiros do monte, os calcadores.

Tudo é festa a seu tempo em teu campinho,
 até quando o teu feno se ingavella,
 e anda a varrer-te o chão dentado ensinho.

Tomas do alfovre a planta, e vais com ella
 povoar da horta os frescos tableiros,
 regos abrindo á Naiada que os zela.

No praso de inxertar, és dos primeiros
 a imbeber ramo em ramo; assim duplicas
 na arvore os dons nataes co'os forasteiros.

Mal que a recreios taes o gosto applicas,
 a pouco e pouco tudo mais te esquece;
 e entre as pobrezaas rusticas tão ricas,
 co'o luxo e o ocio, o Amor desaparece.

Outra fuga á paixão que te damna
 te depara o fragueiro exercicio;
 dos mais vicios triunfa este vicio;
 Venus sai, quando assoma Diana.

Ora vais com teus finos cachorros
 levantando o medroso lebracho;
 ora as redes tendendo por baxo
 da espessura no cimo dos morros.

Aqui armas ao cervo cobardo
 movediço espantallo de plumas;
 ali cae no seu sangue entre espumas,
 raiva, e expira a teu ferro, o javardo.

Lasso á noite recolhes-te á cama,
 de ti mesmo contente e já dono;
 lá te abraça (que vale uma dama?);
 lá te abraça o teu placido somno.

Ha outro exercicio,
 se menos cançado,
 não menos propicio
 remedio ao cuidado:
 no passarinhar
 tens caça sem risco:
 lá vem pelo ar
 poisar-se em teu visco
 plumoso cantor!
 Escondes a malha;
 captivo em seu ramo
 dispões o reclame;
 vem outro e se intralha
 no laço traidor!

Se é frivola paga
 colher passaritos,
 traz bens infinitos
 fugirmos de Amor.

Como as aves,
 tens os peiches
 não nos deixes
 repouzar.
 Corta as cannas,
 linhas prende,
 anzoes pende,
 prompto! iscar!
 braço erguido!
 peso ao fundo!
 bem; sentido!
 chega... cai!...

Que jocundo!
 que recreio!
 peiche veio,
 Venus sai.

Com estas e outras cabe que a ti mesmo
 enganando-te vás, 'té que de todo
 desaprendas o Amar. Se o mal comtudo
 inda assim não ceder, se lidas tantas
 do vinculo tenaz te não soltaram,
 novo remedio: ausenta-te; viaja;
 põe entre os olhos teus e as graças d'ella
 distancia após distancia, e tempo e tempos.

Chorarás, chorarás, bem o presinto,
em te lembrando um nome; e que de vezes
te hade um nome lembrar! em meia estrada
pararás indeciso; os pés se furtam
rebeldes ao dever que os força ávante;
mas forçal-os! mas animo! repugnas?
obriga-te a querer; na idea aviva
de instante a instante o salvador empenho;
arrasta-te, mas corre; não te prendam,
nem torrentes do ceo, nem maus agoiros
de sabbado judaico, ou tremebundos
azares de Allia. As milhas não perguntes
que has andado; pergunta as que te restam.
Não inventes razões para deter-te
menos longe do incendio.
Não vás contando o numero dos dias;
não olhes para traz a cada instante
á procura de Roma. Audacia, e fogel
Tal fuga é combater; á fuga ardente
que arranca em face aos nossos,
é que o partho valente
deve o esquivar-se aos ultimos destroços,

«Agros preceitos pões—dir-me-hão sem duvida;—
asim, agros são, confesso; mas tormentos
que restauram a vida, hão-de ingeitar-se?

Quanta vez eu doente amargos sucos
não trago repugnando! e passo fomes!
se affrontas ferro, fogo, ardor de sedes,
para remir o corpo; alma que é tudo,
merece menos que elle os sacrificios?

Mas esta arte que ensino, em seus inicios
é que oppõe as carrancas e os terrores.
Toiro novel na canga amarga dores;
potro que a silha estreia,
doi-se, fere-se, em colera se ateia.

Do patrio lar sair talvez te custe;
que importa o custo? sai. Partido apenas,
quererás regressar; onde? ao lar patrio
dirás tu; oh! que não!: sim aos reclamos
d'aquella em quem teu animo doideja!

Com essas frases nobres
teu vergonhoso affecto em balde cobres.

Uma vez arrancado, e posto em via,
já distracções sem conto te assalteam:
por olhos, por ouvidos, te divertem
a mente e o coração campestres scenas;
galas da natureza em sitios novos;
e essas conversações inexauriveis
com que sempre fortuitos companheiros
te vão desinfadando a longa estrada.

Partiste; é pouco: ausente permanece
até que sob as cinzas apagadas
nem longes de calor em tí percebas.

Se mal convalescido
te arriscas a voltar d'onde has fugido,
foi-se do esforço o fructo;
para vingar-se Amor te aguarda astuto.

Ha na ausencia contrarios effeitos:
não curando, impeora a quem ama;
como o vento que activa uma chamma,
se violento a não logra apagar.

Convem paz, e não tregoa, aos peitos;
só a paz os perigos desterra;
dão as tregoa mais forças á guerra;
que ha de inteira depois rebentar.

(Continuar-se-ha).

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

(Continuado do n.º 11.)

VIII

A victima

Historiar a detida agonia de Eugenia nos trez mezes que decorreram desde que a deixamos desmaiada nos braços da irmã até que a baixaram á sepultura, seria talvez fastidioso para o leitor acostumado a presenciar com frequencia estes successos: tristes e negras peripecias, mais ou menos parecidas com as que até aqui lhe temos narrado.

Resumindo por tanto em poucas palavras o occorrido, diremos que Raphael, firme no proposito tomado, e participando do humor caprichoso do pai, não voltou a casa de Anselmo, senão quando soube que Justino d'Alvim, de todo desenganado nas suas pertenções, regressara a Lisboa, e o proprio Anselmo da Costa lhe fôra pedir com lagrimas lhe salvasse a filha. Tardio remedio! Eugenia finava-se com rapidez espantosa! Dentro d'oito dias a mudança das feições era tal que não deixava esperanza de vida áquelles que conhecem os symptomas assustadores da proximidade da morte. Ella mesma foi a primeira que se declarou ferida do raio fatal, chorando os que ficavam, e tentando incutir-lhe coragem e resignação.

Regina, cuja compleição era mais forte, accitou mais esta prova com o frio desespero d'alma excrucianta que não antevê na vida senão uma longa série de dores. Tomou a resolução de não abandonar a irmã um só momento, desde que a triste convicção da morte d'ella entrou no seu espirito. Surda aos rogos do marido, e pela primeira vez impaciente e insubordinada, teimou no seu proposito, e foi viver no mesmo quarto onde outr'ora as duas meninas acalentavam as doces e rizonhas esperanças d'um futuro enganador.

Fez vir para alli o seu pequeno leito de solteira, e sentiu-se melhor com a satisfação que Eugenia mostrava de a ter perto de si. A sós uma com outra, lembravam o seu passado tão poetico em aspirações; choraram juntas essa perda irremediavel; e sentiam-se consoladas mutuamente.

Anselmo, nas horas em que vinha saber do estado da filha, achava-as muitas vezes nos braços uma d'ou-

tra, limpando as lágrimas que o infortunio fazia correr. O desgraçado pai, com os olhos postos ora n'uma ora n'outra, acceuzava-se mentalmente; apertavam-no os remorsos, e fugia desorientado de tão dilacerante scena. D. Antonia ainda menos corajosa que o marido amaldiçoava a hora em que o visconde lhe entrara em casa, e tarde fazia a reflexão da felicidade que podia gozar no meio das filhas, se não as tivessem sacrificado á ambição. A magoa, a suprema agonia de mãe notando todos os dias o rapido deperecer de Luiza, e a pouca confiança que os medicos lhe davam da cura, exasperavam-na a ponto de irritar-se contra Anselmo, esquecida de que fora ella que mais approvara o casamento de Regina, e que d'ahi provinha o mal que tornara a sua alegre e tranquillia existencia n'um inferno de sustos e terrores. Pensava depois em Salvador e Raphael, n'aquelles dois mancebos que por assim dizer se tinham creado ao bafejo de seus cuidados; lembrava-se com dor dos soffrimentos d'ambos; calculava por si a amargura de D. Julia ao lado do filho moribundo; parecia-lhe ouvir as imprecações da mãe infeliz, e tomava como castigo do ceu o golpe que a lanceava.

Grande parte do dia, passava-o no seu oratorio de joelhos, com as mãos postas, e sem poder orar.

—Mãe santissima! mãe santissima! salvai-me a minha filha!—bradava ella a espaços.

Anselmo vinha tambem muitas vezes ajoelhar ao lado da esposa. O que se passava n'aquellas duas despedaçadas almas, só o podem comprehender os que tem soffrido lances iguaes.

De boamente accéitou Anselmo a idea salvadora de que a vista de Raphael podia operar um milagre. Correr a pedir-lhe perdão; humilhar as cans, que começavam a alvejar-lhe na frente, aos pés do mancebo, pareceu-lhe pequena expiação para tamanhas culpas. Pela sua parte, Raphael, esquecido do passado, abriu-lhe o coração ainda gotejando o sangue das feridas recentes, e mostrando-lhe quanto era sincera a sua reconciliação. O que elle não previa era o estado de Eugenia. Os terrores de Anselmo tomava-os por exaggeração do amor paternal: parecia-lhe impossivel que em tão pouco tempo a doença pudesse causar tamanhos estragos.

Quando porem a fitou, estremeceu em calafrios de susto, e foi quasi n'um estado de apathia e dolorosa surpresa, que se acercou de seu leito. Havia já alli desfiguração de cadaver. O reflexo da eternidade auréolava já a frente do anjo.

Pela sua vez tambem sentiu o mancebo fundos remorsos, tão fundos quanto era fervoroso aquelle amor da infancia, tornado agora sacratissimo pelas dores passadas, e mais ainda pelas que lhe estavam promettidas.

A esperanza a que se apegava Anselmo da Costa falhou. Eugenia, no meio de Regina e Raphael, mostrava-se contente. Sorria para ambos com angelica doçura, e quando um accesso de tosse lhe fazia vibrar todas as fibras do peito, consolava-os com um aperto de mão como incutindo-lhe coragem para a ver soffrer. Fallava a am-

bos no seu proximo fim, e pedia-lhes que fossem fortes, e se amparassem mutuamente.

—Não me digas que o meu amor não pode salvarte, filha!—Balluciava um dia Raphael já quando a vida começava a bruxear como os ultimos lampejos da luz nas vascas do crepusculo.—Queres que eu descreia do poder e da misericordia Divina?

—E por que hasde tu descreer, meu querido amigo? respondeu Eugenia debilmente.—Não é melhor pensar, que a nossa felicidade não cabia no curto ambito da terra, e que Deus nos reserva as alegrias infindas d'um outro mundo? O' Raphael! imaginas tu que o consorcio das nossas almas pode acabar aqui?

—Não! não! mas sempre a idea da eternidade!—re-darguiu elle com desespero.—Sempre a lembrança da morte de permeio entre nós! Pensa na vida, minha Eugenia. Por mim, por ti, por tua irmã, por teus pais, por todos nós que te queremos tanto!...

Luiza, como estivesse recostada no leito ás almofadas, curvou-se um pouco, tomou uma das mãos de Raphael juntou-a com a da irmã e apertou-as junctamente sobre o seio, murmurando:

—E' tarde... é tarde...

—Tarde como, filha?—tornou o moço anciado—O' minha adorada! ó luz da minha mocidade, se tenho de perder-te, a ti que és a realisação dos meus sonhos dos quinze annos, leva-me já contigo, anjo. Abriga-me debaixo das tuas azas immaculadas; deixa-me voar com o teu espirito, até essa patria celeste onde te chama o coro dos archanjos do Senhor. Não me deixes aqui, filha. Que será de mim n'este ermo da terra? Como poderei eu viver na orphandade do teu amor? na negra viuvez das minhas esperanças?!

—Poderás, meu querido Raphael, poderás—acudiu a doente com meiguice.—Quem te diz, que eu não te deixo a esperanza mais pura e radiosa diante de Deus?!.. Ouve-me: modera essa dor que me faz saudades da vida. Ai! que nunca tu saibas o que isto é... Quanto não daria eu por um dia só de saude passado a teu lado no nosso jardimzinho de Valbom tão cheio das nossas recordações!

—Queres tu que vamos para lá?—atalhou Regina.—Pode ser que a mudança d'ares te faça bem.

—Vamos, vamos—respondeu a enferma illuminando-se-lhe o rosto pallido com um subito clarão d'alegria—A morte, no meio d'aquellas florinhas plantadas por nós, minha querida irmã, hade parecer-me mais doce. Chama, chama depreça por alguém, Regina; faz que me levem para lá; sinto agora umas saudades d'aquelles sitios, que receio já não haja tempo para os tornar a ver.

—Pois en vou, eu vou...—disse Regina compondo os travesseiros—mas não estejas sempre a diser-nos d'essas coisas. Hasde correr ainda muito debaixo dos nossos laranjaes. Não estejas a scismar; que peioras, e affliges-nos.

—Tens razão, minha irmã, tens razão: eu sou uma egoista que só me lembro de mim. Perdoem-me ambos,

sim?—continuou Eugenia com um sorriso de angelica doçura.

Regina lançou-lhe os braços ao pesçoço, beijou-a com a soffrega ancia dos que contam minutos n'uma separação extrema, e sahiu do quarto escondendo as lagrimas que lhe rolavam pelas faces.

Ao outro dia, foi Luiza conduzida para Valbom com todos os cuidados que requeriam os medicos para não apregar o seu fim. Raphael tido como da familia, acompanhou-a apegada ainda á ultima taboa salvadora. De feito, desde que se fallara na ida, a doente estava mais animada, e tomara os caldos com menos repugnancia.

—Será possível, meu Deus?—dizia D. Antonia com os olhos postos no cruxifixo que adornava o seu oratorio, e a alma a entrajarse-lhe de primaveras.—Fazeis o milagre de m'a salvar?

O mesmo Anselmo, quase que partilhava a esperanza da esposa, e esteve a ponto de despedir o medico, quando este lhe disse, que não havia um só exemplo de cura, n'este estado.

Regina é que nunca se illudiu. A presciencia do futuro, tinha-a ella na alma. Mais uma vez, quiz o visconde uzar da sua authoridade opondo-se á sua ida para o campo, fundado em que a cunhada estava melhor, e não precisava da assistencia da irmã; ella porem reagiu com mais força do que nunca, tapando a bocca ao marido com uma d'essas ironias que pungem os espiritos vulgares.

—Deixe-me ser Regina, por mais alguns dias. Logo que minha irmã fallecer, depois de ter coberto seu corpo de rosas, tomarei outra vez a minha brilhante coroa de viscondessa.

Sentada n'uma ampla poltrona, amparada dos lados por todos os entes que lhe eram mais queridos, foi Eugenia conduzida ao jardim por dois criados. Alli annuviou-se-lhe o rosto; uma sombra dolorosa contrahiu seus labios desmaiados. Regina que tambem estremecera, acordada de subito pela imagem de Salvador, fez um supremo esforço e voltou-se para a irmã, a tempo que os olhos d'esta se elevavam para o ceu azulado. Por uma atração magnetica, os de Regina tomaram a mesma direção baixando-os juntamente, e cravados uma n'outra.

Tinham-se comprehendido. Nem uma nem outra, abrigavam esperanças da terra.

Eugenia achou-se mais anciada. Recolheram-n'a á cama, onde um forte accesso de tosse a deixou em prostração por espaço d'algumas horas. Por volta da meia noite abrandou um pouco a febre e a anciedade, e a doente pediu a todos que fossem descansar.

—Parece-me que vou dormir: tenho somno —murmurou ella com voz muito debil estendendo a mão a todos, que a bajaram como a de uma santa.

—Vão, vão—disse Regina deixem ver se ella socega.

Apagou depois as luzes deixando apenas a lamparina acenza, cerrou a porta do quarto e sentou-se á cabeceira.

A respiração da enferma foi baixando gradualmente até ser natural. Regina com os olhos cravados n'aquelle desfigurado rosto resava baixinho invocando a misericordia divina. Passaram-se cinco minutos. De repente um soluço elevou as dobras do lençol. Regina levantou-se de chofre, curvou-se sobre a muribunda, viu-lhe ao canto dos olhos uma lagrima congelada como o cristal, descobriu-a até ao peito, tomou-lhe as mãos frias, soltou um grito estridente, e cahiu no sobrado.

Os pais e Raphael, que ainda se não tinham deitado, correram em tumulto.

Eugenia era cadaver.

(Continua).

ANTIGUIDADES DE BRAGA

(EXTRAHIDAS D'UM CODICE DO SEculo XVII.)

A misericordia de Braga esteve primeiramente na claustra da Sé, onde está a capella de D. Diogo de Sousa. D'alli mudou-se para a capella de Sant'Anna, no campo do mesmo nome; e d'aqui para o logar onde está. Os irmãos vestiam opas pretas.

*

Lomar (1) chama-se assim por que no tempo dos Suevos e mais longe havia ahí um lago artificialmente feito, na chan, que ainda hoje se vê, e, segundo os vestigios, tinha de circumferencia meia legua, e lhe ia do rio Deste a agua. Era quinta real de prazer. E como a linguagem antiga se parecia com a gallega, e o lago por sua grandeza semelhava o mar, os que lá iam divertir-se ou pescar em botezinhos, diziam uns a outros. «Vamos a *lo mar*?» Juntas depois as duas dicções em um só nome ficou *Lomar*, onde se edificou mosteiro benedictino.

*

D. Fr. Bartholomeu não fundou o collegio, onde os jesuitas ensinaram, com o proposito de lh'o dar, nem para albergaria dos peregrinos de S. Thiago, como outros asseveram. O seu intento era fundar convento dominicano; porém, como não conseguisse do commendatario de Tibães renda para elle, deu-o á companhia de Jesus.

*

Na claustra da Sé houve antigamente tres cemiterios: um para os conegos, que era todo o vão da capella de D. Diogo de Sousa e o atrio fronteiro; o segundo era de gente commum, e hoje é claustra; o terceiro era de pessoas reaes, onde hoje está a capella de S. Jeronimo, Nossa Senhora da Boa Memoria, Santo Amaro e tudo o mais circumposto. Aqui se enterravam os reis suevos

(1) S. Pedro de Lomar, freguezia circumvisinha de Braga.

catholicos, e por isso detraz do retabulo da Senhora da Boa Memoria, haverá sessenta annos (1) foram achadas trez sepulturas com effigies de vulto em cima e coroadas; as quaes a confraria barbaramente sotterrou quando fez obras. Como aqui era cemiterio real, mortos que foram o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza, D. Affonso Henriques fundou a capella hoje chamada de S. Thomaz no que era cemiterio real, para trazer para alli, como trouxe, os ossos de seus pais; e aqui jazeram até o tempo de D. Diogo de Sousa que os trasladou para a capella mor da Sé. Ha poucos annos que na capella de S. Thomaz appareceu uma sepultura com uma effigie em vulto de mulher coroada e aos pés um leão. Por se fundar a capella no lugar onde se enterravam reis, se ficou chamando «Capella dos reis». D. Affonso Henriques a dedicou ao evangelista S. Lucas, e n'ella collocou uma cana do braço do sancto, que lhe tinha mandado de Roma um cardeal, e não Paulo Horosio como alguns dizem. Aqui estava uma imagem que depois se mudou para o corpo da Sé em frente de Santo Agostinho.

Depois da batalha de Aljubarrota, o arcebispo D. Lourenço reedificou a dita capella dos reis para um jasi-go; e é de advertir que do corpo da Sé havia uma porta para o dito cemiterio real por onde os conegos iam fazer os anniversarios, a qual depois se impedrou, e ficou por detraz do altar de S. Francisco, e sahia onde hoje está o corpo de D. Lourenço; e por esta rasão nos remates dos arcos da abobada se vêem escadas e n'ellas grellhas, cascos de navios e corvos, aludindo a S. Lourenço e S. Vicente, sanctos do seu nome, pois se chamava D. Lourenço Vicente; e no altar mor poz os dois sanctos, e no meio Nossa Senhora da Apresentação. Os quaes sanctos estiveram no altar até que entrou a confraria de S. Thomaz, á qual o cabido deu licença, para erigir sancto no altar com obrigação de ter n'elle os acima referidos. Na dita capella e no remate do retabulo se acham as armas d'el-rei D. João I.^o

O caminho de Braga para Guimarães e Porto era pelo postigo que hoje se chama de S. Sebastião; descia por entre as cazas de Antonio de Macedo; d'aqui ia ao monte de Penas, procurava a ponte de S. João do rio de Ave, passando primeiro por Esporões e Brito. A do Porto levava o mesmo principio, e se apartava da de Guimarães para o poente, e ia passar o Ave á ponte de Lagoncinhos.

O sitio por onde ia esta estrada logo ao sahir de Braga se chama ainda «a cidade», nome corrompido de *sahida da cidade*, por ser aquella parte um declive que desce muito.

D. Diogo de Sousa abriu o caminho que hoje se chama «as conegas» que depois tomou aquella denominação, por que as primeiras cazas que alli se edificaram

foram terras onde hoje é o quintal de Pedro da Cunha, e n'ellas moraram trez irmans d'um conego, e por isso eram chamadas «as conegas»; e, como eram mulheres de prestimo, boa vida e capacidade, se dizia: «vamos fallar ás conegas», etc.

O collecter e redactor das noticias transcriptas foi o mesmo fr. Manoel da Ascenção a quem devemos o importante esclarecimento da *Meza* das Carvalheiras.

Haverá quem dispense uma das suas horas feriadadas em esquadrinhar antiguidades de tal ranso? Pode ser. Os dissaboriados das pompas de hoje em dia, tão insignificativas, tão ocas de idea que leve ao porvir a noticia de alguma cousa grandiosa d'estes tempos, antes se querem com as ruinas do passado, por que, ao menos, estas são a historia, são a fê, são a indole das gerações extinctas. O que hoje se faz, volvidos tresentos annos, que traços phisionomicos do viver actual hade offerecer aos antiquarios? A meu ver, nenhuns. Materializando o que não pode em verdade ser idealizado, a geração actual para os vindouros hade figurar-se o que hoje nos parece a esttua mythologica esbrucinada, com os relevos carcomidos, já indecifrável e sem forma ou feição características.

Não hão de assim pensar os creadores de bazares industriosos e industriaes. Alguns dirão: D. João, o guerreiro victorioso fez a Batalha; D. Manoel, o senhor das frotas que escumavam o domado oceano, fez Sancta Maria de Belem; D. João V, o devoto irracional, fez Mafra; nós, seculo XIX, que não batalhamos, nem navegamos, nem oramos, *fazemos progresso*. A gente o que anda a fazer é progresso. Já se lhe fabricou uma casa digna, onde elle mora, o Progresso; um palacio grande onde o Pluto moderno se estende á perna solta, e dá de renda 15 contos annuaes aos proprietarios. Os seculos XV, XVI e XVIII faziam casas de marmore onde só cantavam frades; o XIX faz cazarões de cristal onde canta quem quer. A «Suripanda» não vos regala mais que os threnos dos poetas hebreos?

E, rodados trez seculos, que dirão os antiquarios apontando para a praça onde hoje campea o torreado palacio do Progresso? Prefigura-se-me que os vejo e ouço:

—Aqui, ha tresentos annos, existiu um salão, onde bailavam mascaras; e um restaurante onde se comiam ostras; e uma rampa onde cantavam bufos, e se ostentavam os primores dramaticos de *Ignez de Castro* e *Pedro Sem*, dois brilhantes da coroa da Thalia portuense. E, como diversão aos graves espiritos d'aquelle tempo, tambem o Progresso deu aos seus amigos representações de tramoias chamadas *Magicas*. Chamava-se isto o *Palacio de Cristal*.

Mas que faz isso ou que tem que ver as *Antiguidades de Braga* com as modernices chôchas do Progresso? E' um disparate realmente!

Burandangas de escrevinhador que mistura alhos com bugalhos.

C. CASTELLO-BRANCO.

(1) Relembremos ao leitor que o manuscripto conta para cima de cem annos.

PASSAGENS DE UMA CARTA AUTOGRAPHA

DE UM GRANDE SABIO

O famigerado portuense João Pedro Ribeiro (*), nos seus numerosos escriptos recheiados de erudição, argúe um sabio grave, ponderoso e incapaz de gracejar nem intrreter-se com assumptos jocosos. Quem leu as *Dissertações chronologicas e criticas* do eminentissimo antiquario difficultosamente hade crer que o doutor, nas suas conversações e cartas, era jovial e epigrammatico. João Pedro Ribeiro, se houvesse nascido cincoenta annos depois, talvez se estreiasse pelo «folhetim» e capitaneasse a turba alegre dos rapazes que, ha vinte e cinco annos, recamavam de galhofas as gasetas portuenses, hoje em dia tão carrancudas, tão avelhantadas, tão puchadas á feira da san moral, que tudo, afora ellas, trescala á podridão do vício.

Pois João Pedro Ribeiro, o «fundador e patriarcha da sciencia diplomatica entre nós» (como avisadamente o douto bibliophilo Innocencio Francisco da Silva o conceitua), (**), sem sahir do seu officio, topava motivos de rir nas suas profundas investigações de velharias.

Aqui vai um exemplo frizante.

Escrevia elle desde Coimbra a um seu amigo do Porto ácerca de pesquisas feitas nos conventos do seculo XIV:

«... Continúo—escreve o doutor—com Pedrozo, e «cada vez acho mais. No reinado de D. Diniz, vagavam «duas freiras de Semide *extra-claustra* (fora do mosteiro) «a titulo de passarem para a ordem de Cister; mas, temendo a justiça do bispo de Coimbra ou a de Deus, recorreram a Clemente V que expediu Breve pela Penitenciaria para se recolherem a mosteiro da ordem. D. «Gonçalo Pereira, deão do Porto, executor do Breve, «lhes impoz a penitencia, e absolveu, e permittiu entrarem em certo mosteiro da ordem. Talvez v. s.^a não advinhe qual. Pois foi no Pedrozo, aonde benignamente «as recebeu o dom abbade d'aquelle tempo, o sr. D. João «Domingues, assignando-lhes a sua reção e vestiaria para «ellas e suas mancebas. E' bem verdade que a sr.^a D. «Goncinha Simões, uma d'ellas, (e á sua sombra iria a «contra) levava consigo de herança dos pais uns sete caçaes ali por perto do mosteiro em Avanca, Valga, Ferramedo. Agora, pergunto eu: ao pé de Pedrozo ficava «Villa-Cova, de freiras benedictinas; por que buscavam «ellas antes mosteiro de monges? E como entendeu D. «Gonçalo Pereira as palavras do *Rescripto*: «*intra trium «mensium monasterium sui ordinis ingrediantur* (no praso «de trez mezes se recolham a mosteiro de sua ordem) por «mosteiro de monges? Não passe esta noticia ao publico;

(*) Presbytero secular, doutor em canones, lente de diplomatica, conego doutoral nas Sés de Vizeu, Faro e Porto, desembargador honorario da casa da supplicação, conselheiro da fazenda, chronista dos dominios ultramarinos, censor regio do desembargo do Paço, socio da Academia real das sciencias de Lx.^a etc.

(**) *Diccionario bibliographico*, tomo 4.^o, pag. 8.

«senão, sabendo-o as freiras, e achando Gonçalos Pereiras, irão todas pelo caminho d'aquella boa velha Joana Domingas, levadas da boa fama de Pendorada, e agora do prelado que tem,..... e levarem para lá o que tiverem em louvor de Sancta Maria do Corporal, e precisarem de parar as obras rusticas para fazer cellas para as monjas, e será nova especie de emigrados, sem serem «francezes, que tenham de aturar.»

Estas reflexões um tanto alegres do insigne jurisconsulto não nos authorisam a rastrear-lhe na vida acto que recendesse perfumes de amorios com freiras ou seculares. Os affectos principalissimos de João Pedro Ribeiro, depois dos codices, eram as flores: conjectura justamente inferida d'outra passagem d'esta carta com que me brindou o meu velho amigo Carlos Nogueira Gandra:

«Eu tenho-me já dissuadido—acrescenta o conselheiro da fazenda—de viajar ao Porto no Natal, e, como «passa o tempo, quando tiver occasião me faz favor remetter as taes plantas... que são o Solano, Mogarins, «Peludo, Mangericão roxo, Cassia branca, Merculiana, «Botões d'ouro das duas qualidades, Cravos grandes rajados, Peonia, Angelica. Flor de Liz não será agora «tempo, e, sendo-o, tambem pode vir.»

A carta é escripta em 17 de dezembro de 1812. João Pedro Ribeiro, com mais de oitenta annos, morreu no Porto em 4 de janeiro de 1839.

C. CASTELLO-BRANCO.

CARTA III

DE GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

A

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

VOZES SEM ECHO

São dois os hospedes que me chegaram quasi a um tempo. Ambos moços, ambos poetas. Bemdito seja pois o astro da poesia que vem irradiar luz, luxuriar flores e primavera n'estes montados agrestes, onde apenas os foragidos do mundo e das alegrias da vida podem subir contentes, lançando para os vastos horizontes percorridos o olhar da saudade e da resignação.

O primeiro que agradeço ao auctor—é *Joanninha* poema em quatro cantos, seguido do poemeto *Nereida* pelo sr. Alberto Pimentel. Hoje direi as impressões que me deixou a leitura das «Vozes sem echo».

Sabe o meu amigo quanto folgo de elevar a minha desauthorisada voz, saudando já ao sahir do aconchego do ninho, os arrojados trilos d'estes rouxinões que nos promettam, para mais tarde, as cantatas e os gorgeios primorosos do seu abril.

O sr. Guerra Junqueiro nas suas *Vozes sem echo* toma por epigrafe geral da obra um verso de Alfredo de Musset, o poeta elegante e inspirador da *Jeunesse dorée*:

Mes premiers vers sont d'un enfant.

Graciosa e ingenua confissão d'um grande espirito! Bellissima a idea do poeta que tão a proposito hoje n'ol-a recorda! Dedica o sr. Guerra Junqueiro o seu livrinho á memoria de sua mãe:

A' noite, quando a lua é triste e calma,
Anceio ir ver-te, ó sancta lá nos ceus,
Não posso, mas envio-te a minha alma,
Off'reço-te estes cantos, que são teus.

Não sei se alguém acoimará de demasia a minha natural sensibilidade. O que é certo é que estas quatro linhas, onde está, a meu ver, tão bem definida a dor intensa e profunda do amor filial, exhalando ao mesmo tempo o suavissimo perfume da saudade n'aquelle ardente ancian da alma que quer e não pode transpor o espaço immenso, buscando alem, atravez do infinito, o seio que lhe era amparo e abrigo, os labios que lhe destillaram o mel na infancia, predispozeram-me agradavelmente a formar avantajada idea do coração o espirito do auctor. E' natural este desprendimento da alma n'aquellas horas em que o pensamento calmo entrevê por entre as estrellas, fulgir a imagem d'um ser querido. Se é! Quem deixaria já de o sentir?

A esta segue-se a introdução, que desliza alegre como arroio limpido por entre as florinhas do val, repuchando ainda assim por vezes ao topar com um seixosinho insignificante ao parecer, e que todavia é o escolho perigoso de poetas noveis. Este pequenino encalhe é a vulgaridade.

Lá quando a primavera vigorosa
Exulta resplendente, a natureza
Eleva ao creador um hymno immenso!
Tudo vive e labora, tudo lida!
Inda implume avezinha os seus gorgeios
A medo solta; a planta mais rasteira
Tambem aos astros seu perfume envia.
Por isso eu canto; estou na primavera
Ao despontar da aurora, e estes cantos,
Ou bons ou maus, brotaram na minha alma,
Qual brota á luz do sol a flor campestre!
E quem ha que no ardor da mocidade
Uma vez pelo menos não sentisse
Inflamar-se-lhe o peito em mago enlevo,
Em doces illusões? Por isso eu canto.

Cante, cante, sr. Guerra Junqueiro: consinta porem á critica benevola lhe diga que esta poezia pode evellar o prosador eloquente e imaginoso, mas d'aqui ao poeta vai uma distancia infinita! O saber e o bom gosto adquire-se com o tempo e com o estudo: o talento é um dom do ceu. Aquelles que ao nascer não foram bafejados pela divina fada do genio, tem de comprar, e ainda á

custa de amargas vigílias, pequenissimos e mediocres triumphos.

Formam o todo da obra quatro poemetos e duas poezias que se intitulam:

Amor funesto.

Mistica nuptia.

Flor pendida.

Mater.

A' Hespanha.

No Bussaco.

Qualquer d'estes trechosinhos tem bastante merecimento attendendo a que são estas as premicias d'uma vocação balbuciante; e sobre tudo encontra-se nos versos amorosos certo ardor juvenil que bellamente quadra ás galanices da idea.

Por que escondes a lagrima formosa
Que scintilla no teu rosto divino?
De madrugada é mais bonita a roza,
Se orvalhada do choro matutino!

Ai! deixa-me beber teu doce pranto,
Ingenua pomba, meu amor perfeito!
Ai! eu amo-te, filha, tanto, tanto,
Que nem o amor me cabe já no peito!

Oh! louco eu ia atraz d'uma vã chamma;
Não sei meu coração o que adivinha!..
Que vale a honra, a vida, a gloria, a fama!
Ai! não te deixarei, amada minha!

Estrellas vês no ceu d'amor trementes?
Ai! estreita-me, filha, nos teus braços!
Oh! dá-me tantos beijos, tão ardentes
Como d'astros se cruzam nos espaços!...

E os fervidos amantes se enlaçaram
Em meigo abraço, como duas flores.
Os seus peitos ardentes, palpitantes,
Inflamados de jubilo pulsavam!
E suas almas unidas nos espaços
Libravam-se em suavissimas chimeras!...

Os delirios da poezia apaixonada, uns raptos exclamatorios e retumbantes que nossos avós e paes nos fizeram ainda prezar, cahiram tão menosprezados em nossos dias, que já agora se aprecia justamente o que n'outro tempo seria indigno do exame dos criticos. E' talvez por isso que me agradou este dizer singelo e pouco ataviado:

Sou eu: venho enchugar-te o triste pranto,
Venho mudar-te em jubilos a dor,
Sou eu que te amo, sim, que te amo tanto...
Nem eu sei onde chega o meu amor!...

Oh, que elle é immenso! immenso como o espaço,
Sequioso como a areia do dezerto!

Ai! deixa-me estreitar-te em doce abraço;
Eis o meu seio para o gozo aberto!...

Oh! fuja-mos unidos! cada hora
Rápida võe no azado prazer!..
—«Mulher eu sou Christão.»—Christão embora;
Oh! por ti, por ti só quero morrer!

Renego a vida, a crença, a um teu desejo;
Morra a alma mas fique o coração.
O' meu amado, vem!... ardente beijo,
Deixa imprimir-te, deixa... não vens... não?

Não respondes? tu choras, estremece?!
Amas outra talvez?! oh! sim... é certo!
Ai! dize-me que não, dize... Emmudeces?
Ah! desgraçada, sinto a morte perto!...

Com esta poezia forma um notavel contraste *Jerusalem* fragmento do *amor funesto*, um dos trechos mais bem trabalhados do auctor:

Um horizonte immenso! O sol ardente,
O ceo puro e tranquillo. Ao longe, ao longe,
Reclinada n'um throno de montanhas,
Jerusalem se eleva! Oh! quem não sente
Pulsar-lhe o coração a este nome?
Jerusalem! O' perola esplendente,
O' tumulo de Christo, aurora sancta.
D'onde raiou a claridade ao mundo!
Sião, Sião, quem é que se não lembra
De ouvir contar as tuas maravilhas,
Lá quando nossas mães nos embalavam
No berço da innocencia? Um mundo novo,
Bello e puro entrevejo ao recordar-me
De ti, ó terra sancta! As gerações
Somem-se e vão pelo rodar dos tempos,
E tu és sempre firme; a humanidade
Vem humilde curvar-se aos teus sepulchros.
O' terra sacrosancta dos prodigios!
Quão grande tu já foste n'outras eras;
Cada grão de teu solo, cada pedra
Traduz uma acção boa, algum martirio;
Como és triste perdida no dezerto!
Circunda-te o silencio; ao longe as ondas
Vem plangentes soltar os seus gemidos
Com saudades do teu poder passado!
Tu, que foste a rainha do Oriente,
Soluças entre os ferros humilhada!
Quem podesse quebrar essas algemas,
Tornar-te alegre e bella como outr'ora!

Depois d'esta, a descripção da *Morte de Vasco*, a qual somenos em valentia e propriedade de expressão, pareceu-me digna de notar-se:

Recrudescce a lucta!
Em fero embate as vagas montanhosas
Estoiram no fraguado! A ventania,

Sibila d'entre a tetrica harmonia!..
E Vasco quem o viu? Entre a procella,
Sobre fragil batel, a vela rota,
E sem rumo, sem leme, escalavrado,
Como cadaver hirto, vai entregue
Da celeuna ao furor! Clarão medonho
Envolve a praia! Viu a sua choça,
Ao pé a de Maria; dura lucta
Já n'alma se lhe trava: vê fugir-lhe
Vida e Maria na aza da tormenta!
Ai! delirio de amor, ai, sonho lindo!..
Recobra todo o alento, empolga os remos,
Salva os antros profundos, negras rochas...
Está perto da praia!... mais um passo...
Depois... De agua montanha gigantesca,
Qual tumulo marmoreo, o esconde e tomba!

Passo em claro as poezias *A' tarde*, no *Claustro*, *Presentimento*, e *Canto de nauta*. Deixo-as para serem admiradas sem recommendação. No meu entender, é ahí onde o poeta, na energia e elevação do pensamento, nos promette embriões que mais tarde poderão collocar-o entre os primeiros, encaminhando desde já o passo tímido no encalço dos mestres.

EXPEDIENTE

Quase esgotados os primeiros numeros d'este semanario, que vem a formar um volume de 48 numeros, os seus proprietarios resolveram não continuar a tomar assignaturas senão d'anno, para evitar as complicações que costumam dar-se n'este genero d'empresas, e que as collecções fiquem tronçadas e por isso inutilisadas.

Acabado o 1.º trimestre, para o que não falta senão este numero, resolvemos, para que o jornal chegue intacto ás mãos dos nossos assignantes, nas terras onde temos correspondentes, envial-o mensalmente a estes srs. que o farão entregar aos nossos assignantes.

A Gazeta assigna-se e recebe-se em casa dos ill.^{mos} srs. Campos Junior, Lisboa; J. Augusto Ornel, Coimbra; José Maria da Costa Azevedo, Aveiro; Francisco Marques da Rocha, Lamego; Germano Joaquim Barreto, Braga; Joaquim Eduardo de Almeida Teixeira, Villa da Feira; e Antonio Augusto da Cruz Coutinho, livraria; Rio de Janeiro—rua de S. José n.º 75.

A correspondencia que tiver relação com a administração da Gazeta; ou com os proprietarios deve ser dirigida para a rua do Almada n.º 171.